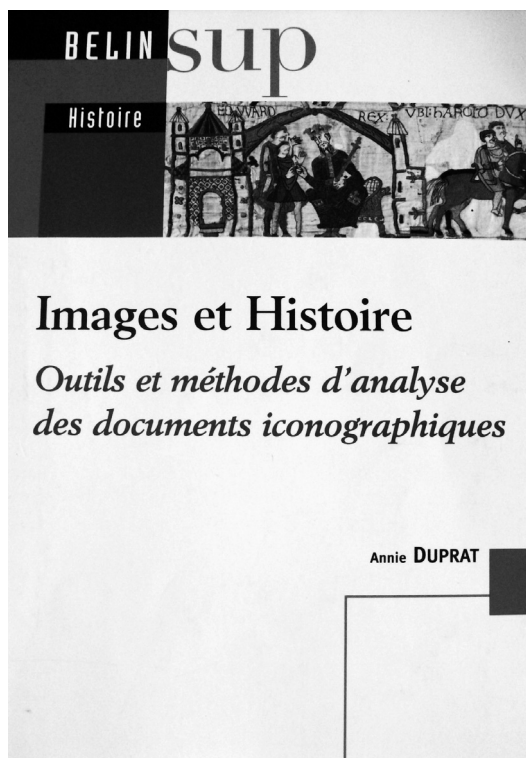


DUPRAT, Annie. *Images et Histoire: outils et méthodes d'analyse des documents iconographiques*. Paris: Belin, 2007. 224 p.

Angelita Marques Visalli

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunto do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do Programa de Pós-graduação em História Social da UEL. Autora de, entre outras publicações, *O corpo no pensamento de Francisco de Assis*, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.



DUPRAT, Annie. *Images et Histoire: outils et méthodes d'analyse des documents iconographiques*. Paris: Belin, 2007. 224 p.

O estudo de Annie Duprat vem ao encontro das inquietações daqueles que se iniciam nas reflexões sobre a imagem na história. Pesquisadora renomada, com vasta produção acerca da França moderna, já há alguns anos explora material imagético como objeto de seus estudos. Podemos destacar *Marie-Antoinette, une reine brisée* (Paris, Perrin, 2006), *Histoire de France par la caricature* (Paris, Larousse, 2000), *Les rois de papier. La caricature de Henri III à Louis XVI*, (Paris, Belin, 2002), *La monarchie absolue et la remise en cause de l'absolutisme*, (Paris, CNED, 2006), entre inúmeros artigos e obras coletivas.

Neste estudo A. Duprat se afasta um pouco das discussões sobre a política francesa no período moderno para apresentar trabalho de cunho metodológico, uma introdução ao estudo da imagem na perspectiva histórica, uma necessidade premente dessa área.

A ampliação do leque de possibilidades, em termos de documentação, para a análise histórica foi, certamente, fundamental para a verdadeira revolução historiográfica processada no século passado, mas as dificuldades diante da constituição de novos recursos metodológicos ainda é uma realidade. Assim, percebemos que o uso da imagem tem sido ampliado grandemente como recurso fundamental para tentarmos compreender as expressões pretéritas, mas a intenção esbarra, muitas vezes, no

desconhecimento de instrumental metodológico específico, o que leva à repetição de lugares-comuns, à interpretações superficiais, à percepção da imagem como recurso para confirmação de idéias preconcebidas.

Nesse sentido, a obra de Annie Duprat vem tentar suprir essa carência, apresentando texto claro e consistente, dedicado ao pesquisador/historiador, diante do desafio da extrapolação da documentação escrita. Convidado a explorar os caminhos da história das sensibilidades e da emoção, da história política e das convicções, da memória, da história cultural e da comunicação (p.82), ao historiador é apresentada a iconografia histórica como via nova e complementar de outros métodos de trabalho (p. 95).

A obra apresenta, primeiramente, um panorama geral e conceitual e, em seguida, volta-se para questões metodológicas propriamente ditas, onde, inclusive, é dado um exercício de análise sobre vários dossiês temáticos (a batalha de Bouvines, imagens religiosas, a guerra, a morte, o poder).

Na primeira parte (*Savoirs. Observations sur les images*), a autora apresenta uma reflexão sobre a expressão "imagem" e suas correlatas, retomando, em grandes linhas, sua significação desde a pré-história à emergência da cultura visual no período moderno e contemporâneo. Nesse caso, a percepção da relação entre imagem e morte

serve como um fio condutor a partir da pré-história e deságua na contemporaneidade. De substituta e simulacro do real, a imagem desempenha, hoje, eminentemente funções comerciais e de informação mas, de qualquer modo, "invade o mundo sensível e configura os imaginários" (p. 33).

Após a advertência ao pesquisador de que não há caminho sistemático e unívoco que possa servir de método para análise de imagens, sob risco de reduzi-la a uma simples dimensão de ilustração ou informação sobre um "acontecimento histórico" (p.35), Duprat sugere um trajeto: inicialmente a observação sobre a imagem, sobre a referência escrita possivelmente presente, a relação com o texto, a confrontação com outras imagens de igual ou semelhante temática. Em seguida, partindo do questionamento fundamental dos teóricos da comunicação (quem fala?, para quem?, para dizer o que?, quais os resultados?), a autora apresenta um quadro das questões fundamentais que precisam ser consideradas pelo pesquisador/historiador: sobre a natureza institucional da imagem e a relação liberdade/enquadramento do artista; sobre a difusão pública ou privada da imagem; sobre seu conteúdo (utilitário ou publicitário); sobre os recursos utilizados (alegoria, simbolismo, mitologia, história); finalmente, sobre os resultados, onde a pesquisadora apresenta uma interessante reflexão sobre a imagem como registro: as imagens podem construir o acontecimento e sua memória. Percebe-se, mesmo, uma tendência a que o conhecimento seja creditado pela imagem, a exemplo das imagens de extermínio no campo de Auschwitz, "símbolo absoluto de crime contra a humanidade", enquanto as ações em outros campos de concentração, como Dora ou Sobibor, são praticamente

rejeitadas face à sua destruição e ausência de registros visuais. (p. 80)

Partidária da justaposição e confrontação de várias representações de um mesmo acontecimento, personagem ou questão, a autora apresenta, na segunda parte de sua obra (*Savoir-faire. Lectures d'Images*), uma série de dossiês organizados a partir de critérios bastante distintos, procurando evidenciar as diversas possibilidades de abordagem. Assim, são identificadas representações em torno de um acontecimento – a batalha de Bouvines; da caracterização do suporte e técnica empregada – a imagem religiosa; da caracterização específica do traço/desenho – a caricatura; e de um tema – a guerra, a morte.

Certamente, os dossiês não apresentam uma análise aprofundada das representações, mas a disposição segue a preocupação com a abrangência permitida a temas variados. Desse modo, os exemplos abordados quanto à Batalha de Bouvines foram escolhidos em razão das técnicas de elaboração (iluminura, gravura, pintura a óleo e cromolitografia) e o acontecimento é evidenciado segundo os imaginários das várias épocas das imagens (séculos XIII, XVII, XVIII e XIX).

As principais discussões acerca da questão metodológica no uso da imagem como documento histórico são identificadas, podendo ser destacado o problema evidenciado por Michel Vovelle acerca da inclinação à especialização: a tendência dos estudos de casos de que se valem, em geral, os pesquisadores das imagens, inclina-os a análises fechadas, sem uma "teorização" de seus resultados. Atenuando a crítica do

historiador francês à micro-história e às pesquisas "fechadas sobre si próprias", Annie Duprat evidencia a consequência mais direta desses estudos de casos para a historiografia: não há como, hoje, fazer história sem recorrer também às fontes iconográficas (p.96).

Os comentários da historiadora às obras referidas no corpo do texto são preciosas indicações ao pesquisador iniciante. Além disso, o historiador encontrará nesse trabalho uma extensa referência bibliográfica e indicação de endereços de vários *sites* interessantes, o que certamente facilita e muito o trilhar de novos campos, mas a conclusão da obra o remete a um desafio

instigante e ao mesmo tempo assustador: o historiador, tendo em vista a erudição de que é portador, tem condições de explorar o material iconográfico, assim como o faz com a documentação escrita (p.207-208).

Como mesmo evidencia a autora, a ausência de uma metodologia capaz de abranger a diversidade de suportes imagéticos, tipos, etc, apresenta um universo a ser desbravado. Isso, certamente, leva-nos aos riscos de uma liberdade inseqüente, à construção de uma história sem conteúdo, superficial, quando não, anacrônica. No entanto, somente o exercício da análise dos registros visuais pode nos possibilitar condições de avaliação.